

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL
E
CONSTRUCCÕES

N.º 9

ARCHEOLOGIA HISTORICA
E
PREHISTORICA

SUMMARIO D'ESTE NUMERO

A ourivesaria portugueza nos seculos XIV a XVI—(Continuação) pelo sr. JOAQUIM DE VASCONCELLOS Pag. 129

SECÇÃO DE ARCHITECTURA:

Monumentos nacionaes e padrões historicos e commemorativos de varões illustres (conclusão)..	» 135
Architectura dos povos da antiguidade — (Continuação) pelo sr. J. P. N. DA SILVA.....	» 140
Explicação da estampa n.º 45 pelo sr. J. P. N. DA SILVA.....	» 144

A OURIVESARIA PORTUGUEZA

NOS
SEculos XIV A XVI
ENSAIO HISTORICO
II(Continuação) ¹

O que em seguida vamos dizer sobre a influencia dos modelos estrangeiros tem, portanto, apenas o caracter de um primeiro reconhecimento. Desenvolveremos o assumpto mais adiante, em um capitulo especial.

Tem-se fallado da *originalidade* da ourivesaria portugueza, com o mesmo entono patriotico, as mesmas pretensões, as mesmas phrases vagas que caracterisam os escriptos patrioticos dos defensores do estylo *manuelino*, considerado como estylo nacional e *exclusivo* d'este paiz, e o mesmo termo *manuelino* tem sido applicado tambem á ourivesaria. Não discutimos o termo, posto que a manifestação artistica que esse estylo representa não se possa circumscrever rigorosamente á época de D. Manuel (1495-1521). Não se póde negar uma feição original á ourivesaria peninsular da segunda metade do seculo xv e principio do seculo xvi, mas a palavra *peninsular* está indicando quaes os limites

¹ Veja-se n'este *Boletim* pag. 118. «O presente artigo é a conclusão do Cap. II *Sobre as condições technicas*. Saltamos o Cap. III e IV e passaremos ao Cap. VI. *A ourivesaria hespanhola, profana e religiosa*, pag. 103-136 da PARTE PRIMEIRA do nosso estudo especial. Do Cap. IV appareceu um importante fragmento na revista *A Arte portugueza*, Porto, 1882. Numero de Fevereiro, pag. 14-18.

em que a questão tem de ser tratada, segundo o nosso parecer. Os caracteres da ourivesaria portugueza, na época indicada, são perfeitamente identicos aos da ourivesaria hespanhola, como provaremos; e reconhecido isto, não faremos questão do termo *manuelino*, applicado ás obras d'essa época. N'este capitulo, como em muitos outros da historia da arte (para não dizer em todos) não ha fronteiras entre Portugal e Hespanha. A ourivesaria da epoca manuelina distingue-se principalmente pela sua ornamentação; a sua feição peculiar revela-se, como na architectura manuelina (e ainda mais do que n'esta pela natureza do material), mais no sistema de ornamentação, do que na criação de formas novas. As leis constructivas d'estas formas são violadas frequentes vezes, mas a fecunda imaginação do artista resgata estes defeitos com uma infinidade de motivos de ornamentação, uma especie de vegetação tropical, que encobre as linhas architectonicas do objecto. É o *naturalismo*, que triumpho de todas as tradições; é uma phantasia exuberante que rompe todos os diques, depois de vencidas as difficuldades technicas; é uma paixão pelos detalhes, pelos incidentes caprichosos, que se abandona ao acaso.

Em toda a obra d'arte, a ornamentação tem apenas um valor secundario; deve subordinar-se á forma do objecto; em lugar de a occultar, deve, pelo contrario, pôr bem em relevo as linhas caracteristicas da construcção. A ourivesaria manuelina

esquece frequentes vezes esta condição essencial, inseparável das outras duas citadas. As nossas custodias e os nossos calices offerecem exemplos frizantes do que dizemos; a haste, o nó e o pé d'esses objectos são cobertos de alto a baixo de labores tão delicados, que não ha por onde lhe pegar; ou os lavoures se despedaçam na mão do sacerdote, ou o objecto fica reduzido a uma peça puramente de apparato, sem poder servir para o fim a que foi destinado; — em ambos os casos fica inutilisado. É impossivel sustentar a custodia de Belem um segundo, sem que se entranhem na mão, ferindo-a em mil partes, os labores que cercam a haste por todos os lados. O mesmo se pôde dizer do calice da Collegiada de Guimarães, do calice da Sé de Braga, do da Misericordia do Porto, etc. A custodia grande da Sé de Evora, soffreu, por esse motivo, restaurações que alteraram profundamente o caracter da obra: a haste é um remendo do fim do seculo xvi, destinado a substituir a antiga, gothica, que provavelmente se estragou rapidamente, por ser impropria. A custodia do mosteiro de Santa Iria (Thomar) padece do mesmo defeito, dando-se n'esta obra ainda o caso absurdo de pertencer a haste e o pé a um outro objecto, evidentemente a um antigo calice gothico, sendo tudo o mais do principio do seculo xvii. Quando fizeram a interpollação lembraram-se de dar ao objecto um destino duplo, como custodia-calice (metade inferior), separando-os em caso necessario, mas nem por isso o resultado foi menos absurdo.

Na mesma collecção da Academia de Lisboa existe uma custodia no meado do seculo xv (Laurent n.º 230, v adiante), cujo admiravel perfil gothico está barbaramente desfigurado com enxertos do seculo xviii; as volutas que ladeiam o quadro da hostia, são d'essa epoca.

Não podemos, por isso, recommendar esses objectos pela pureza do estylo, pela *forma*, nem julgamos que seja possivel resuscitar um estylo e um processo de composição que nasceu em condições sociaes que não podem repetir-se. O que nos resta de aproveitavel na ourivesaria manuelina são uma serie de motivos de ornamentação, que, depois de bem estudados, e habilmente combinados, pôdem servir de base á restauração da arte peninsular, e, principalmente, uma serie de processos technicos que foram, em tempos, brilhantemente executados, e que já tem sido resuscitados, modernamente, com grande exito em paizes estrangeiros.¹

¹ A escola superior de arte industrial de Vienna (*Oesterreichisches Museum f. Kunst und Industrie*) publicou para esse fim a seguinte obra: *Gefässe der deutschen Renaissance* — *Punzenarbeiten* Wien, 1866, fol. gr.; e com o mesmo titulo publicou em 1878 a Escola superior de arte industrial de Nurnberg (Baviera) uma outra collecção do mesmo genero *Punzenarbeiten* — trabalhos abolhados.

A forma dos objectos era imitada, no seculo xv, sobre as formas architectonicas do estylo gothico, dissolvido no principio do seculo xvi pela influencia dos modelos da Renascença; isto é evidente nos numerosos especimens que ainda temos; esses modelos reconhecem-se nas salvas, pratos, gumis, picheis das collecções de SS. MM El Rei D. Luiz e El-Rei D. Fernando, nas custodias, calices, relicarios, cruces grandes e pequenas do *Museu de arte ornamental* da Academia de Bellas-Artes de Lisboa, e em numerosos objectos das egrejas do reino.

O systema de ornamentação não é facil de classificar; os nossos autores do seculo xvi são mui pobres na caracterisação dos objectos artisticos; para elles tudo se reduz á formula *lavrado de bastiaes*; a significação que os philologos¹ dão do termo não adianta coisa alguma; a formula envolve, a nosso vêr, genericamente, uma serie de labores, como veremos; o mesmo se pôde dizer das outras: *lavor de grutesco* e *lavor de brutesco*, que talvez não designasse o mesmo ornato, ao principio, mas que foram depois confundidas. A terminologia artistica dos documentos é, no emtanto, bastante rica, mas não é clara ao leigo, nem mesmo ao philologo, quando este não conheça a arte e a sua historia. Na ornamentação dos objectos encontram-se esses dois caminhos, essas duas influencias, que já apontámos: o Occidente com elementos novos a (Renascença), e o Oriente com as antigas tradições do seu systema de ornamentação, derivado de uma antiquissima industria textil. Entre outros termos, achamos: labores de *bastiaes* e *romano*, de *jarrinhas romanas*, de *letras mouriscas*. O *lavor romano*, é o *lavor de arabescos*, á italiana, a combinação da figura animal com o elemento vegetal, como Giovanni da Udine o vulgarizou; as *jarrinhas romanas* são as urnas e vasos d'esse arabesco, uma parte integrante e não um motivo novo.

Não, admira, pois, que os escriptores não achassem sempre o termo adequado para caracterisar um objecto novo, com uma ornamentação até alli desconhecida, e que admittia innumerables combinações. Os ourivezes tinham de certo uma terminologia rigorosa, mas nem sempre assistiam á redacção de um testamento, de um contracto dotal, de compra ou de venda. Felizmente, restam-nos alguns documentos que foram redigidos, sem duvida, com

¹ Viterbo, repetindo Bluteau, refere uma tradição, segundo a qual o nome viria de tres irmãos do appellido *Bastiao*, ourivezes muito afamados. Viterbo cita um documento de Pendorada de 1359, em que já se encontra a palavra *bastiaens*, ahi provavelmente no sentido de besta, animal (*bestias colare*) e não no de *bastiao*, torre ou fortaleza. Depois houve confusão dos dous termos, talvez porque os labores, que elles representam, fossem applicados promiscuamente.

assistencia de peritos. Por elles vemos que a ornamentação se compunha de formas vegetaes e animaes, raras vezes sujeitas ás leis da estylisação e de elementos architectonicos, além das figuras heraldicas. Os elementos architectonicos nem sempre são transportados com muito criterio para o metal; os motivos da ornamentação vegetal, muitas vezes sem desenvolvimento logico, os quadros symbolicos e allegoricos de uma mesma peça frequentes vezes sem relação entre si, e succede até encontrarmos um ou outro quadro, cujas figuras não concordam, não contribuem para a acção, destruindo a harmonia da composição. É innegavel, porém, que o effeito total é sempre o de uma grande riqueza, ás vezes um deslumbramento. Os labores são infinitos: de bastiaes e folhagens; de bastiaes e esferas; de bastiaes e romano; de amágos (caroços), de bulhões, de verdugos, de flores de liz, de troços de arvores, de vergas, de meias canas, de canas direitas, redondas e raiadas, de canas de navio. As flores e fructos são imitados em lavor de rosas, de maravilhas, de bolotas, de medronhos, de pinhões, de alcachofras. As pedras preciosas emprestam as suas formas lapidadas (lavor de diamante), etc.¹, mas estas formas são menos vulgares que as vegetaes; mais rara ainda é a applicação da figura humana, como elemento ornamental (lavor de rostos de homem); é frequente porém encontral-a independentemente, na composição de quadros historicos, de scenas da mythologia, e sobretudo do Velho testamento. A historia de Alexandre, as luctas de Troia, a historia de Samsão, de Joseph e seus irmãos, de Pyramo e Thisbe, o juizo de Páris e de Salomão, a vida de Moysés, a criação do mundo, o sacrificio de Abrahão, a allegoria dos sete peccados mortaes e das sete virtudes.² Com estes assumptos alternam as scenas das nossas luctas no Oriente, os assaltos ás fortalezas dos turcos e arabes e as batalhas navaes; n'estes casos desaparecem os outros elementos da composição ornamental, a composição rompe todas as linhas, inunda o objecto, como se todo o espaço fosse ainda pouco para tamanhas emprezas.

A explicação dos processos technicos não offerece tanta difficuldade, quando se tenha sempre em vista a historia da ourivesaria nos outros paizes da Europa; ella floreceu em alguns d'elles muito antes do que em Portugal³, e já então applicava processos technicos eguaes ou similhantes. O *lavor de*

martello para as grandes figuras em alto relevo, mormente para o lavor de bastiaes e batalhas, o *lavor de cinzel*, que variava em cinzel alto e baixo, o *lavor da macenaria* (esculptura aberta, arrendada), o *lavor de lima*, o *lavor de buril*; a *obra de chaparia* (batida a martello sobre formas de pequeno relevo); a *obra de verga*, de *filigrana*, de *fio tirado, redondo* (fio graphilado), de *rede de ouro*, etc., indicam uma variedade de processos technicos, que só podiam nascer n'um periodo de notavel florescia artistica.

Estes processos alliavam-se muitas vezes. O martello, o buril, a lima e o cinzel eram applicados ora junta, ora separadamente, e, finalmente, as pedras mais preciosas vinham dar côr e matiz á composição, realçando as suas linhas com os fulgores dos celebres rubis, jacintos e topasios, das safiras e ametistas, das jagonças, esmeraldas e espinellas, das crisolites, dos olhos de gato, alternando com as celebres perolas do Oriente, tão afamadas pela variedade das suas formas e cambiantes de luz. As pedras preciosas juntavam os esmaltes mais variados o preto, o branco, o verde, o pardo, o roxêcre e o azul; as combinações mais usadas eram as do esmalte branco e preto, branco e roxêcre, preto e azul. Sob este ponto de vista basta citar os admiraveis esmaltes das figuras dos apostolos da custodia de Belem, tão brilhantes como se fossem fabricados hontem; este unico exemplo é sufficiente para formarmos a mais alta opinião da pericia dos nossos ourivezes n'este difficil ramo da sua arte. Nos anjos alados, nos corpos de animaes, nas conchas, nos bugios, nas flores, nos fructos, nas plantas semeadas com profusão por toda a custodia, e todas de pequenissimas dimensões, provaram os nossos artistas, que sabiam applicar o esmalte em todas as condições de difficuldade. Tudo isto harmonisava admiravelmente com os preciosos estofos da Italia, ardendo em côres deslumbrantes, que a moda favorecia, com os pannos de Flandres, que pendiam das paredes, ensinando altos exemplos de virtude na variedade das suas historias, com as alcátifas do Oriente, que abafavam todo o ruido indiscreto e em que a vista se perdia, por entre os arabescos, procurando decifrar monogrammas mysteriosos. A vida foi então uma festa ininterrupta, de breve duração, é verdade, mas ainda assim de

¹ O diamante era, ou chão, ou de ponta, de naife de ponta, de tavoleta, barroco, japulado.

² Todas estas scenas se acham representadas em objectos, pertencentes ás collecções de SS. MM. El-Rei D. Luiz e D. Fernando (v. lista no fim), menos as scenas de Troia, que pertencem a objectos citados por Sousa. *Provas*, vol. II, p. 447 448 e 449.

³ Bastará citar os trabalhos dos ourivezes francezes no se-

culo XIV, a que eram applicados os celebres esmaltes de Limoges. v. E. Renan, *Discours sur l'état des Beaux-Arts en France au quatorzième siècle*, Paris, 1865, 2.^a ed., p. 278 e seg. P. Lacroix et F. Seré, *Histoire de l'orfèvrerie-joaillerie et des anciennes communautés et confréries d'orfèvres-joailliers de la France et de la Belgique*. Paris, 1850. V. a grande Lista de artistas do sec. XIV, a pag. 156; são 383 nomes só de 1337-1400, Vide ainda os artistas hespanhoes do seculo XIII e XIV em Davillier. *Recherches sur l'orfèvrerie en Espagne* p. 161 e J. F. Riaño. *The industrial arts in Spain* p. 41.

caracter bastante elevado para nos poder deixar mais do que uma ephemera lembrança, isto é, obras de superior valia, que até certo ponto são o espelho em que essa vida se retrata.

A OURIVESARIA HESPAÑHOLA, PROFANA E RELIGIOSA

VI

A ourivesaria hespanhola desenvolveu-se em condições superiores. Teve sobre a portugueza a vantagem de começar muito mais cedo a sua historia, e com relações de commercio por assim dizer universaes; mesmo para o estudo technico e theorico teve fontes de estudo proprias, muito antigas ¹. A intima ligação com a França (onde vimos esta arte tão florescente no seculo xiv ² pela Navarra e Catalunha até á Provença ³, fóco de cultura litteraria e artistica para onde os papas haviam transportado a sua corte, desde 1305 (em Avignon até 1378), a posição e influencia excepcional de Barcelona em todo o Mediterraneo no seculo xiii, as intimas relações d'este emporio mercantil com o imperio grego de Byzancio ⁴, as suas colonias na Syria e no Egypto ⁵—tudo isto produziu bem cedo admiraveis resultados; todas estas relações abriram á metade oriental da peninsula horizontes vastissimos para o seu commercio e a sua industria. Em cincoenta annos (1229-1282) arranca o rei de Aragão e Conde de Barcelona aos mouros as ilhas de Maiorca e Mi-

¹ Basta citar São Isidoro (Bispo de Sevilha, fallecido em 636) na sua Encyclopedica ou livro de *Etymologias*, em que trata de numerosissimas questões technicas; os livr. xvi, pedras e metaes, pesos e medidas; xviii, arte da guerra, armas, musica, etc.; xix, construcções navaes, architectura domestica, vestuario e sua ornamentação, joias, etc., são os que nos interessam especialmente; acham-se edições, com facilidade, nas nossas bibliothecas.

Sobre a immensa influencia d'esta obra v. Ebert, *Gesch. der christl. latin. Literatur*, vol. I, pag. 555 e seg.

² V. retro, pag. 23, nota; ás obras que citámos, como contendo listas de ouriveses francezes, deve juntar-se a de Texier pag. 787-804, que é a mesma de Lacroix e Seré; esta ultima obra está porém exausta, e falta nas nossas bibliothecas.

³ O dominio de Aragão alcançava até Montpellier, então uma grande cidade commercial, adquirida em 1204. Para a historia especial das relações politicas e sociaes de ambos os lados dos Pyreneus v. Cénac-Moncaut *Histoire des peuples et des états pyrénéens*. Paris, 1860, 5 vol.; obra importante mesmo para o estudo das questões artisticas e archeologicas d'esses paizes.

⁴ Em 1290 encontramos Dalmacio Suñer, feitor catalão em Byzancio. Em 1302 tinha o imperador grego Andraniko um corpo de mercenarios catalães ás suas ordens. Heyd. *op. cit.* vol. I, pag. 523.

⁵ Já em 1187 concedia Conrado de Montferrat o palacio verde de Tyro á Companhia provençal, que se compunha de colonos de S. Gilles, Montpellier e Barcelona. O governo da colonia pertencia a um consulado composto de seis individuos; os colonos tinham foro commum, proprio. Heyd, *Levantehandel*, vol. I, pag. 368. Em Alexandria, no Egypto, já Benjamin de Tudela encontrou mercadores aragonezes em 1137. Em 1266 havia consules ou feitores catalães em Alexandria, e em 1290 concluiu-se um importante tratado commercial e politico entre o Rei de Aragão e o Sultão Kilawun do Egypto. Heyd *op. cit.* vol. I, pag. 466.

norca, os reinos de Valencia e Murcia, e expulsa os francezes da Sicilia; em 1324 toma ainda a Sardenha. Enquanto na parte occidental luctavam os reis de Castella, ora com os inimigos do sul, os mouros, ora com os rivaes do litoral, os portuguezes, continuava a casa de Aragão a sua carreira gloriosa fóra da peninsula, fundando ao mesmo tempo, por um governo sabio e liberal, a prosperidade interna da monarchia. A serie de conquistas, que apontámos, preparou a ultima e mais grandiosa empreza, a conquista do reino de Napoles em 1442. A 25 de Fevereiro do anno seguinte fez o Rei D. Affonso a sua entrada triumphal na cidade em um carro de ouro, como um antigo Cezar, a corôa de Napoles sobre a cabeça, e adiante de si, sobre uma almofada de brocado, mais seis: as de Aragão, de Valencia, de Mallorca, da Corsega, de Sardenha, e da Sicilia.

O que este grande monarcha fez em favor das sciencias e das artes não sabe a historia como encarecel-o ¹. A vida dos mais eminentes sabios, como Georgius de Trebizonda, Chrysolora, Lorenzo Valla, Bart. Facio, Panormita, o póde dizer.

A arte deve-lhe, para citar só um facto, o incomparavel arco triumphal do Castello-Nuovo ²; e este arco symbolisava o predominio hespanhol na Italia, que se havia de estender a toda a Europa com o advento de Carlos v (1516). A tomada de Granada e a descoberta de Colombo, no mesmo anno, foram o remate do novo edificio politico.

Quão differente foi a nossa sorte! Enquanto os hespanhoes avançavam pela Europa dentro, tomando posse dos centros da civilização antiga e da cultura da Edade media (Italia — sul da Allemanha e Paizes Baixos, linhas do Rheno e do Danubio), partiamos nós para o Oriente, pelo mar tenebroso, abandonavamos quasi a Europa, e teriamos perdido o fio ás relações occidentaes, se não fóra a continua emigração de gente europea, que vinha esperar nas margens do Tejo a solução dos novos problemas economicos. Este movimento inverso explica, de uma maneira sufficiente, a differença entre o desenvolvimento artistico dos dois paizes da peninsula, e esta differença não é a nosso favor em nenhuma das quatro artes, e ainda menos nas artes industriaes. Não alludimos a uma ou outra obra excepcional; não é isso o que se trata de confrontar; compare-se o movimento, a marcha geral, phase por phase, desde o nascimento de uma arte ou de uma industria até sua extinção. A emigração artistica para Portugal, a introdução de elementos estrangeiros não podia desviar as consequencias necessarias, fataes, do movimento a que obedecemos; podia apenas actuar isoladamente sobre

¹ Burckhardt, *Die Cultur der Renaissance*, pag. 219.

² Idem, *Geschichte der Renaissance*, pag. 180.

certas organizações privilegiadas, e isto no curtíssimo espaço de 30 annos ¹. D'ahi uma decadencia rapida, quasi repentina, como a de uma planta exotica que muda de clima. Qualquer movimento artistico, qualquer arte é o resultado de uma progressão historica sensivel, mas lenta, durante seculos; não se importa, repetimol-o ². A historia da ourivesaria e joialheria hespanhola é mais uma prova d'isso, como vamos ver. O foco d'essa industria é o Aragão e a Catalunha ³, o dominio d'esse grande principe que em 1443 abria as portas da Italia aos hespanhoes. A progressão abrange dois seculos.

N'esse mesmo anno triumphal estavamos nós de luto; expirava então o Infante Santo nas enxovias de Tanger, e pouco depois começavamos nós as terriveis questões internas que cobriram de precioso sangue os campos de Alfarrobeira (1449) e só terminaram no cadafalso de Evora (1483). Enquanto aragonezes, catalães e valencianos se tinham fortificado durante dois seculos sob a influencia das antigas civilisações, que haviam nascido em torno do Mediterraneo; enquanto Castelhanos e Leonezes desciam á Andaluzia a admirar em paz as ultimas maravilhas do genio arabe no Alcazar de Sevilha (1360, a Alhambra é de 1258), Portugal procurava reatar antiquissimas relações atravez do immenso oceano; sustentava a Europa, cansada, esgotada, e acordava o Oriente do seu torpôr ⁴. Eis a differença de situação entre Portugal e Hespanha.

Todo o reino de Aragão tirou grande proveito das conquistas que enumerámos; a sua capital, Barcelona, tornou-se a rival de Genova, principalmente durante o reinado do grande D. Jayme I, o *Conquistador* ⁵. Da parte do principe liberdades locais

¹ É a duração do reinado de D. Manoel (1495-1521); o movimento começou porém já nos ultimos annos do reinado de D. João II.

² A pintura portugueza nos seculos XV e XVI. Porto, 1881, pag. 9.

³ Capmanny, *Memorias*, prova que Barcelona já tinha um commercio activo de pedras preciosas com o Oriente no seculo XIV; v. tambem Heyd, cap. *Edelsteine*, vol. II, pag. 581. Barcelona e Montpellier (ligada a Aragão) tinha corporações de ourivezes organisadas com estatutos já no seculo anterior. V. Texier, pag. 1200.

⁴ A Europa estava com effeito exausta. Em 1492 não tinha ella nos seus cofres mais do que um milhar de milhões de francos, segundo Kieselbach. *Der Gang des Welthandels*, pag. 301 e seg. V. as provas e a indicação das causas no cap. *Sobre o Commercio oriental das especiarias* em *Arch. art.*, fasc. IV, pag. 136 e seg. Posteriormente ao nosso trabalho de 1877 appareceu a lucida exposição de Heyd em 1879: *Erschöpfung der Handelsnationen am Mittelmeer*, que occupa a maior parte do vol. II da sua obra. V. o nosso cap. VII, *Sobre a influencia da arte estrangeira*. O Oriente e Occidente.

⁵ Basta recordar que o primeiro codigo de commercio, a primeira compilação de leis maritimas, o *Consolat del mar*, foi impresso em Barcelona em 1488 em lingua limosina, espalhando-se depois por toda a Europa. Sobre as varias edições e traducções v. Salvá vol. II, pag. 692. A melhor fonte de estudo é a traducção franceza commentada de Boucher. Paris, 1808, em 2 vol. 8.^o

e communaes concedidas com a maior franqueza, protecção racional, dispensada largamente ao commercio e á industria; da parte do povo iniciativa corajosa, actividade commercial, genio inventivo para as emprezas industriaes, — e tudo isto ajudado, idealizado por notaveis faculdades artisticas — eis os elementos que concorreram para a singular fortuna da casa de Aragão, uma das maiores da Europa nos seculos XIV e XV. A politica centralisadora e niveladora de Carlos V acabou com os foros e privilegios de D. Jayme e seus successores. O Aragão fundiu-se na immensa casa de Habsburgo e Borgonha. A sorte que tiveram os foros aragonezes no tempo do imperador ¹, quiz Filipe II preparal-a aos flamengos, mas o temperamento germanico resistiu e venceu a final. Entre a historia dos Paizes de Flandres e do Aragão-Catalunha, entre Bruges e Barcelona ha, com effeito, mais de um ponto de contacto; o mesmo espirito municipal que ensina o respeito da lei, a mesma força nas corporações que cria industrias florescentes e a riqueza da classe media, a mesma burguezia valente e audaz nos mares e nos combates, que abre a essas industrias um mercado universal.

Com relação á ourivesaria e joialheria (a que nos temos de restringir) isto já era assim no seculo XIV. Davillier fornece noticias valiosas sobre a corporação dos ourivezes de Barcelona, que se referem ao seculo XIV e XV (pag. 97 e seg.), e que podem ser completadas pelo estudo de Ebert. A organização do ensino era solida, a disciplina dispunha de penas severas, as relações entre os varios membros da officina eram rigorosamente fiscalisadas para prevenir toda e qualquer injustiça do mais forte, ou desobediencia do subordinado ².

Convem ainda notar a influencia poderosa da tradição sobre o estudo das condições technicas do officio. No principio d'este capitulo alludimos a São Isidoro de Sevilha, cuja obra capital foi uma fonte inexgotavel de estudo para todos os officios, uma encyclopedia de receitas de influencia incalculavel. Os arabes, conquistando no seculo VIII a Hespanha, encontraram o terreno preparado, aptidões technicas, desenvolvidas nas officinas dos artistas visigodos ³, que se haviam inspirado na obra do santo

¹ V. a historia da liga dos mestres contra Carlos V, em Ebert, *Geschichte der allgemeinen Bruderschaft (Germania) der Handwerke Valencia's*, pag. 47 e seg. Valencia tinha sido colonizada por Barcelonezes. Na mesma obra os estudos sobre as corporações de Barcelona, corrigindo Capmanny em muitos pontos, sobre manuscriptos hespanhoes, originaes, das Bibliothecas de Berlin e Goettingen. As noticias mais antigas de Capmanny sobre as corporações de Barcelona referem-se a 1208.

² Vid. cap. VIII, *Sobre a organização da officina*, etc.

³ V. o trabalho especial de Amador de los Rios, *El arte latino bizantino*, etc. Madrid, 1861, com gravuras do thesouro de Guarrazar. Segundo os mais recentes estudos, as

bispo. O arabe ensinou ao hespanhol a sua admiravel *ornamentação das superficies planas*, o segredo do artista oriental, que produziu depois o *estyllo mudejar*. Nas provincias que resistiram á invasão continuaram os artistas godoz produzindo obras notaveis, como a *cruz de los Angeles*, dada por D. Affonso II á cathedral de Oviedo, e a *cruz de la Victoria* ou do Pelayo da mesma igreja; ambas tem inscripção e data, a primeira 808 A. D. a segunda 828 A. D. A notavel cruz de D. Affonso III, do thesouro da cathedral de Santiago, vae mais além, com a data de 912, isto é, 874¹.

No seculo XII já o celebre tratado de Theophilus Presbyter, monge allemão e ourives, revela a influencia e o conhecimento dos processos de trabalho usados em Hespanha.² Assim chegamos ao seculo XIII e XIV: n'esta epoca já a arte hespanhola concorre no mercado europeu. Já atraz fallamos dos esmaltes aragonezes, exportados para França³ no seculo XIV, nem admira este luxo, se já em 1234 publicava D. Jayme de Aragão uma severa lei sumptuaria, que provocou a de Sevilha de 1256, repetida logo em 1258 por Affonso X.⁴ As obras que nos restam da epoca a que nos referimos (seculo XI-XIV) são maravilhosas. Citaremos: o calice de ouro da abbadia de São Domingos de Silos do seculo XI; um calice de agata, coberto de ouro e pedras preciosas, da mesma epoca, dado a S. Isidro de Leão pela Infanta D. Urraca; o calice de prata dourada do abbade Pelagius (seculo XII); o calice da Academia Real de Historia de Madrid (seculo XIV); o relicario polyptico de Nossa Senhora del Cabello do convento de Quejana (Alava), instituido em 1375 por Hernan Lopes de Ayala; o esplendido altar de prata da cathedral de Gerona (1348); a *silla* do Rei D. Martin de Aragão (1393-1412), existente na cathe-

dral de Barcelona; as *Tablas affonsinas* da cathedral de Sevilha (sec. XIII) e outros objectos¹ que dão uma alta idéa da antiga arte hespanhola. No seculo XV já alguns ourivezes barcelonezes eram chamados a Roma para a execução de peças importantes, como eram as rosas e estoques de *offerta*, que os papas costumavam enviar aos principes da christandade.²

Os centros das outras monarchias hespanholas só apparecem em scena muito depois de Barcelona, de Valencia e mesmo de Gerona;³ primeiro Burgos no principio do seculo XV, depois Toledo, em seguida Sevilha; Leão no começo do seculo XVI, Valladolid um pouco mais tarde, Cuenca, etc.⁴ Foi na passagem do fim do seculo XV para o seculo XVI, depois do impulso dado ao genio nacional pelos triumphos de Granada, que se produziu um movimento de rivalidade entre as cidades hespanholas na dotação dos seus templos com as obras da ourivesaria religiosa. A centralisação ainda não havia conseguido amortecer o espirito provincial. Só em 1479 é que o Aragão, que vimos unido á Catalunha e Valencia em 1309, se fundiu com Castella pelo casamento dos Reis Catholicos. Cidades de segunda ordem, protegidas por uma nobreza opulenta, que ainda não tinha abandonado os seus esplendidos solares⁵ rivalisavam

peças pertenciam ao thesouro da igreja de Santa Maria em Sorbaces, celebre pelas suas romarias. Os objectos foram publicados e descriptos em numerosos trabalhos, Hubner, Labarte, Bock, etc., citaremos alguns que se acham mais facilmente entre nós, *Museu espanol*, vol. III e VI; Lasteyrie *Merv.*, pag. 72 e seg. (e a monographia do mesmo autor); Davillier, *op. cit.*, Lafuente *Hist.*, vol. I, com bellas chromolith., etc. Sobre a ourivesaria hispano-arabe, v. *Museu espanol*, vol. I e VI, joias; vol. I armas de luxo; vol. VI, instrumentos scientificos, etc. Davillier, em *Recherches et Les arts*.

¹ Estão ambos excellentemente reproduzidos nos *Mon. arch. de Espana* A *cruz de los Angeles* tambem se pôde ver n'um bello chromo. da *Hist. de Esp.* de Lafuente, vol. I, pag. 186 e no opusculo de Davillier *Les Arts. décor. en Esp.*, pag. 19.

² Cap. XLVII, *De auro arabico*, pag. 219; cap. XLVIII, *De auro hispanico*, pag. 221. cap. XLIII. *De viridi hispanico*, pg. 89. O *aurichalcum hispanicum*, citado pelo mesmo auctor, era uma mistura de ouro e latão, que dava uma cor avermelhada ao metal, caracteristica do ouro hespanhol. Sobre a saida em grande escala de ouro hespanhol para França e Allemanha no tempo de Carlos Magno, v. H. Meyer, *Die Strassburger Goldschmiedezunft*, pag. 152.

³ Pag. 95 V. ainda Texier com documentos de Laborde, pag. 694, cfr. Davillier, pag. 62-67.

⁴ Weiss. *Kostumkunde*, vol. IV, pag. 334, aponta a lei mais antiga que é de 1212; a exposição de Davillier é deficiente.

⁵ Podíamos apontar outros tambem notaveis, mas n'este caso, como em todos os mais, tivemos sempre em vista citar os que foram reproduzidos em obras que se acham nas nossas bibliothecas. O calix de Pelagius vê-se em Davillier, e no *Museu*, vol. VII com estudo de D. Rodr. A. de los Rios, o de Sillos em Davillier, reproduzido de Lasteyrie, *Merv.*, pag. 134; o relicario de Ayala no *Museu*, vol. VIII, com estudo de D. Florencio Janer; as *Tablas affonsinas* na mesma obra, vol. II, com estudo de D. José Amador de los Rios, em Riaño, pag. 17, e Laurent n.º 318 e 319. O calice de D. Urraca em Borrell (vol. II, pag. 138), nos *Monum. archit.* e em Laurent n.º 183; o da Academia da Historia em Borrell, pag. 552; o altar de Gerona, em Borrell, vol. II, pag. 253, e Street, *Goth archit.*, pag. 327, com minuciosa descripção.

² Foram Pedro Diez e Antonio Peres de las Cellas, Davillier pag. 46. Sobre outros artistas hespanhoes residentes em Roma, v. pag. 167, 168, 198 e 204.

³ V. Ebert, *op. cit.* Em 1457 já Juan de Castelnou restaurava trabalhos importantissimos na cathedral de Valencia, e em 1430 principiava Francisco de Artau a notabilissima custodia gothica da cathedral de Gerona, concluida, só em 1458; tem um metro e 85 centimetros de altura e peza apenas 30 kilogrammas; foi este artista que, ajudado por outros de Gerona, fez a opulenta baixella offerecida aos reis de Aragão pela cidade.

⁴ Burgos, ha noticias do seu estatuto em 1428, mas é mais antigo; Toledo, Estatuto de 1423; Sevilha, Estatuto de 1470, etc. V. Davillier, cap. VII, *gremios e cofradias*.

⁵ No tempo de Carlos V, proclamado rei de Hespanha em 1516, ainda a nobreza se conservou na provincia. A predilecção d'este principe pelos seus patricios flamengos afastou a nobreza hespanhola da corte; as suas continuas viagens foram outro obstaculo. Foi no reinado de Filippe II (1556-1598) que a nobreza affluir á corte. V. Ranke, *op. cit.* Os solares e palacios das provincias de Hespanha são ainda de um esplendor principesco, apesar do abandono de quatro seculos. Sob este ponto de vista, a vida da nossa nobreza na provincia foi modestissima, com rarisimas excepções. Citaremos em Hespanha o dos condes de Luna, em Leão; o dos Mendoza, em Guadaluja; os dos Ayala e Mesa, em Toledo; o dos Riberas, em Sevilha; o palacio Quintanar, em Segovia (*casa de los picos*) e muitos outros solares não menos notaveis. V. coll. de Laurent.

em generosidade com os grandes centros; cada uma quiz ter a sua peça celebre. É então que os ourivezes começam as suas correrias por toda a Hespanha; que Henrique e Antonio de Arphe, de Leão — Juan Alvarez, de Salamanca, — Juan Ruiz,

de Cordoba, — os Becerriles, de Cuenca, — Voz-mediano, de Sevilha, executam as suas admiraveis obras de ourivesaria religiosa.

(Continua)

JOAQUIM DE VASCONCELLOS.

SECÇÃO DE ARCHITECTURA

MONUMENTOS NACIONAES

Padrões Historicos e Commemorativos de Varões Illustres

QUE SÃO ELEMENTOS APRECIAVEIS
PARA O ESTUDO DA HISTORIA DAS ARTES EM PORTUGAL

(Concluido do numero 7, pag. 103)

- | | |
|--|---|
| OBYDOS — Egreja do S. Jesus da Pedra..... | { É um templo grandioso, de traça original, fundado na primeira metade do seculo XVIII. |
| ODIVELLAS — Mosteiro de S. Diniz. | { Encerra o tumulo d'el-rei D. Diniz, seu fundador. |
| PALMELLA { Egreja de S. Thiago, cabeça da
Ordem militar de S. Thiago —
dentro do Castello..... | { E' um templo pequeno e de fabrica singela, não pouco ar-
ruinado; mas é historico e encerra o mausoleu do mestre
da ordem D. Jorge de Lencastre, duque de Coimbra, filho
legitimado d'el-rei D. João II. |
| PENAFIEL { (no concelho) Egreja do Salvador —
de Paço de Sousa..... | { De beneditinos. Fundado em 1088. Encerra os tumulos de
Dom Egas Moniz e de seus filhos. |
| POMBEIRO — Egreja do mosteiro de..... | { Era um dos antigos mosteiros da ordem beneditina. A igreja
é toda reconstrução dos seculos XVII e XVIII. Mas a sua
galilé, apezar de ter perdido por essa occasião a sua an-
tiga estrutura de tres naves, ainda é uma necropole his-
torica pelos tumulos, que encerra, de muitos varões illus-
tres dos primeiros tempos da monarchia. |
| Egreja de S. Martinho de Cedofeita... | { E' fundação geralmente attribuida a Theodomiro, rei dos
suevos, no anno 559. Porém ainda que se negue ao
templo actual uma tão grande antiguidade, é fóra de du-
vida que é anterior á monarchia. |
| Egreja de S. Francisco..... | { Fundada no fim do seculo XV por D. João I. E' muito apre-
ciavel pela obra de talha doirada com que foi ornamen-
tada no seculo XVII. |
| PORTO { Egreja e convento da serra do Pilar.. | { E' monumento da nossa historia moderna. |
| Torre dos Clerigos..... | { Posto que não se recomende pela belleza da architectura,
é construcção grandiosa, e é a torre mais alta do reino. |
| Palacio da Bolsa | { A vastidão e nobreza do edificio, e os primores d'esculptura
do salão principal, dão-lhe direito a figurar aqui. |
| Paço episcopal..... | { A sua grandeza e excellente construcção e a magnificencia
e belleza da sua escada assignalam-lhe aqui um lugar. |
| Hospital de Santo Antonio..... | { Apezar de incompleto, a sumptuosidade da sua fabrica dá-lhe
jus ao epitheto de monumento. |
| RATES — Egreja de S. Pedro de Rates..... | { A 1 legua de Barcellos — E' fundação do Conde D. Henrique
de Borgonha, no seculo XI. Está bem conservada. |

- RUNA — Hospital dos Invalidos.....
- SANTAREM { Egreja profanada de S. João d'Alporão.....
- SANTAREM { Egreja de Santo Agostinho, que pertenceu ao convento dos agostinhos calçados.....
- SETUBAL { Egreja do convento de Jesus, de religiosas franciscanas.....
- SETUBAL { Egreja de S. Julião (parochia).....
- TAROUCA { Egreja do mosteiro de S. João Baptista.....
- S. THIAGO DE CACEM { Egreja parochial de S. Thiago.....
- SANTO THYRSO { Claustro do mosteiro beneditino de Santo Thyrso.....
- THOMAR { Egreja de S. João Baptista, matriz da cidade.....
- VIANNA DO CASTELLO { Palacio dos Viscondes da Carreira.....
- VILLA VIÇOSA { O paço do condestavel D. Nuno Alvares Pereira.....
- Tumulos:**
- CHAVES { Tumulo de D. Affonso, 1.º duque de Bragança, na egreja do convento de S. Francisco.....
- S. DOMINGOS DE BEMFICA { Tumulo de João das Regras na egreja do convento de S. Domingos.....
- LISBOA { Tumulo da rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboya.....
- LISBOA { Tumulo da princeza D. Isabel, filha de D. Pedro II.....
- LISBOA { Tumulo da rainha D. Maria Anna Victoria.....
- LISBOA { Tumulo de Mendo de Foyos, secretario d'Estado d'el-rei D. Pedro II.....
- LISBOA { Tumulo do marquez de Pombal.....
- N. SENHORA DA LUZ { Tumulo da infanta D. Maria, filha d'el-rei D. Manuel.....
- Fundado pela princeza viuva D. Maria Benedicta e inaugurado em 1826. Edificio vastissimo, com uma sumptuosa egreja.
- Embora muito desfigurada da traça primitiva, ainda conserva vestigios da construcção romana, quando era séde do convento juridico.
- E' um bello templo do estylo gothico puro, fundado em 1380, e conservado sem alteração alguma. Entre muitos sepulchros de varões illustres, que encerra, vêem-se o de Pedro Alvares Cabral, o descobridor do Brazil, e o de D. Pedro de Menezes, conde de Vianna, e 1.º capitão de Ceuta. Este mausoleu é um dos mais ricos do nosso paiz.
- Fundada em 1489. Magnifico templo, todo construido de *grés vermelho antigo*, mais conhecido pelo nome de marmore da serra d'Arrabida. Teve por architecto Boutaca, o mesmo que delineou o mosteiro de Santa Maria de Belem.
- Fundação muito antiga, e reconstrucção completa nos fins do seculo XV. D'esta só conservou a porta principal, porque o terremoto de 1755 destruiu o resto, reedificado depois. Mas o portal é formosissimo, muito ornamentado e tem originalidade.
- Fundação do seculo XII, reedificado. Contém, entre outros tumulos, o de D. Pedro, conde de Barcellos, auctor do Nobiliario, filho natural d'el-rei D. Diniz.
- E' um bom templo do seculo XIII, com o frontispicio edificado em 1822. Porém interiormente conserva a fabrica primitiva, apreciavel por existirem no paiz poucas egrejas d'esta epoca em toda a pureza do seu estylo architectonico.
- Este mosteiro fundado em 718—reedificado em 963—e 1094, conserva d'esta ultima reconstrucção o claustro com as suas galerias sustentadas sobre columnas duplas. E', creio, o unico claustro grandioso do seculo XI, que ha no reino.
- A egreja é reedificação do seculo XVII.
- E' um templo edificado por el-rei D. Manoel. Formoso especimen do estylo gothico-florido, transição do estylo gothico para o da renascença, e ao qual damos o nome de *manuelino*.
- Foi construido nos principios do seculo XVI. E' muito regular, e está decorado com toda a riqueza da ornamentação, propria do estylo então dominante. Depois da destruição que tem havido modernamente nos bellos edificios particulares do mesmo estylo architectonico, sobre tudo em Evora, este de Vianna é de muito apreço.
- Está dentro do Castello de Villa Viçosa.
- Este tumulo não tem beleza nem riqueza. E' de granito grosseiramente lavrado; e todo pintado a vivas côres. Todavia é o sepulchro do chefe da dynastia de Bragança. Foi mandado fazer pela duqueza de Bragança, D. Catharina, no seculo XVII.
- E' de marmore e tem na tampa a estatua do eloquente chancelier d'el-rei D. João I.
- Na egreja das Francezinhas, na calçada da Estrella.
- Na mesma egreja, junto do tumulo da rainha sua mãe.
- Na egreja do convento de S. Francisco de Paula, na rua do mesmo nome.
- Na sachristia da egreja de Nossa Senhora da Graça. E' de marmore de côres, e ricamente ornado de mosaicos, e de esculpturas em marmore e em bronze. E' obra de merecimento artistico.
- Na ermida de N. Senhora das Mercês junto á rua Formosa.
- Na egreja de Nossa Senhora da Luz, fundação sua. Está na capella-mór, que é o que resta do templo, destruido pelo terremoto de 1755.

PANOIAS (Penafiel) — Sepulchros romanos....
 SANTAREM — Santa Maria d'Alcaçova. Cippos romanos.

Aqueductos :

COIMBRA.....	Obra d'el-rei D. Sebastião.
ELVAS — Aqueducto da Amoreira.....	{ Construido no reinado de D. Sebastião, lançando-se para esse fim, pela primeira vez, o imposto do real d'agua. Construcção de genero especial.
EVORA — Aqueducto da Prata.....	
THOMAR — Aqueducto do convento de Christo.	{ Foi mandado fazer por el rei D. João III sobre os alicerces do aqueducto de Sertorio, descoberto por diligencias de André de Resende.
VILLA DO CONDE { Aqueducto do convento de Santa Clara.....	
	{ E' fundação do mesmo tempo do antecedente, e do mesmo architecto.

TERCEIRA CLASSE

Monumentos da arte militar antiga. Castellos e torres.

ALCACER DO SAL — Castello arruinado.	LINDOSO.
ALMOUROL — Castello arruinado no meio do Tejo.	LANGROIVA.
ALTER DO CHÃO.	MONCORVO.
ANCIÃES.	MONSARÁS.
BRAGA.	MONSANTO.
BRAGANÇA.	MONTALEGRE.
BEJA.	NEIVA.
CASTELLO BOM.	OBIDOS.
CASTELLO DE VIDE.	POMBAL.
CASTELLO RODRIGO.	PORTO DE MÓS.
CASTRO MARIM.	SABUGAL.
CELORICO.	SEGURA.
EXTREMOZ.	SILVES.
FEIRA.	SOURE.
FREIXO D'ESPADA Á CINTA.	S. THIAGO DE CACEM.
LAPELA.	THOMAR.
LAMEGO.	TORRES NOVAS.
LEIRIA.	VILLA VIÇOSA.

E além d'estes muitos outros, em melhor ou peor estado, mas devendo todos ser conservados como padrões da historia e da arte militar dos tempos antigos.

QUARTA CLASSE

Monumentos levantados em logares publicos pela gratidão nacional em honra de homens, que bem mereceram da patria.

BRAGA — Monumento de D. Pedro V.	com as estatuas de Viriato, D. Nuno
CASCAES — Monumento da sr. ^a D. Maria II.	Alvares Pereira, Vasco da Gama, e mar-
CASTELLO DE VIDE — Monumento de D. Pedro V.	quez de Pombal.
S. JULIÃO DA BARRA — Monumento de Gomes Freire.	MATTOSINHOS — Estatua de Manoel da Silva Passos.
LISBOA — Estatua equestre d'El-rei D. José I.	PORTO — Estatua equestre de D. Pedro IV.
» Monumento de D. Pedro IV.	» Monumento de D. Pedro V, na Praça da
» Monumento de Luiz de Camões.	Batalha.
» Monumento do Duque da Terceira.	SAGRES — Padrão do Infante D. Henrique.
» Estatua de José Estevão C. de M.	SETUBAL — Monumento de Bocage.
» Arco Triumphal da Praça do Commercio	

QUINTA CLASSE

Padrões de mui diferentes generos importantes para a historia e para as artes

Padrões commemorativos de feitos gloriosos, ou de acontecimentos notaveis: algumas casas, que serviram de residencia a grandes vultos historicos ou litterarios: alguns mausoleus, de valia historica ou artistica, e que se abrigam em templos, que não vão incluídos nas classes antecedentes: certos pelourinhos e cruzeiros de merecimento artistico: cippos, columnas miliarias, e outras memorias epigraphicas.

Padrões :

ALHANDRA	Padrão das linhas de Torres Vedras.	
AMEIXIAL	— Padrão da batalha do Ameixial..	Em 8 de junho de 1663.
ARENOSA DE PAMPÉLIDO	— Padrão do Pampérido	Logar do desembarque do exercito libertador em 8 de julho de 1832.
BUSSACO	— Padrão da batalha do Bussaco....	Em 27 de Setembro de 1810.
CAMPO PEQUENO	— Padrão	Padrão das pazes entre el-rei D. Diniz e seu filho, o infante D. Affonso, por intervenção da rainha Santa Izabel.
CASTRO VERDE	— Padrão.....	Idem, da batalha de Campo d'Ourique em Julho de 1139.
CASTELLO RODRIGO	{ Padrão chamado Cruz de Pedro Jacques	
ELVAS	— Padrão da batalha das Linhas d'Elvas	Em 14 de Janeiro de 1659.
LISBOA	— Padrões da conjuração de 1640....	Erguem-se sobre o palacio do Conde d'Almada, por cima da sala onde se reuniam os conjurados, para o lado da calçada do Garcia.
MONTES CLAROS	{ Padrão da batalha de Montes Claros.....	Em 17 de junho de 1665.

Arcos commemorativos e funereos :

ALBARDOS	{ (Serra d') padrão da conquista de Santarem por el-rei D. Affonso Henriques.....	E' um arco encimado pela estatua do nosso 1.º rei. Embora seja contestado o voto, que, dizem, el-rei fizera ali a S. Bernardo, é certo que descansou com a sua hoste n'aquelle logar, quando ia sobre Santarem, e que o arco é um padrão d'aquelle glorioso feito.
ERMIDA (Concelho de Penafiel)	{ O marmoiral da Ermida, como lhe chama o vulgo.....	Levanta-se este arco junto do logar da Ermida, nas visinhanças de Penafiel. Segundo uns, é um padrão commemorativo do transito funebre do corpo da rainha D. Mafalda, filha de D. Sancho I, de Rio Tinto, onde falleceu, para o mosteiro de Arouca, onde jaz. Conforme outros, é o tumulo de D. Sousino Alvares.
LORDELO	— Arco de Lordelo.....	E' um arco ogival de granito, proximo do Porto, um pouco parecido com os indicados abaixo.
ODIVELLAS	{ Arco vulgarmente denominado monumento d'el-rei D. Diniz....	Ergue-se em um oiteiro sobranceiro ao valle e mosteiro de Odivellas. E' questão archeologica se diz respeito a el-rei D. Diniz, se a el-rei D. João I.
PENDURADA	{ N'esta freguezia, do concelho de Bemviver, está outro arco, parecido com o da Ermida.	Este arco, e o que se segue, parece que são commemorativos do enterro da rainha D. Mafalda.
REBORDÃES	{ (Concelho de Refoios de Ribad'Ave).....	Acha-se este arco proximo da estrada que segue de Villa Boa para o Douro. Todos estes arcos são construidos de cantaria, no estylo gothico.

Logares memoraveis :

LISBOA	{ Casa de João das Regras no largo do Poço do Borratem.....	D'esta casa, em que habitou o celebrado jurisconsulto antes do seu casamento, resta apenas um grande arco ogival, de tres que outr'ora teve, no pavimento terreo.
	{ Casa de D. Vasco da Gama, na calçada do Duque, proximo do Largo de S. Roque.....	D'este seu palacio, que o terremoto de 1755 destruiu em parte, e que as reedificações em parte desfiguraram muito modernamente, sómente restam umas cinco janellas de sacada no pavimento nobre,
	{ Casa de Luiz de Camões na calçada de Sant'Anna.....	E' a casa em que ha pouco se collocou uma lapida commemorativa, na supposição de que o grande epico alli morava ao tempo do seu fallecimento.
	{ Casa do visconde d'Almeida Garrett, na rua de Santa Isabel	E' a casa em que residiu nos seus ultimos tempos, e onde morreu o illustre poeta.
	{ Palacio do Conde d'Almada, no largo de S. Domingos.....	E' a casa de D. Antão d'Almada, um dos quarenta fidalgos, que acclamaram D. João IV. Era n'este palacio que se reuniam os conspiradores.
	{ Casa de Braz d'Albuquerque, filho do grande Affonso d'Albuquerque, que tomou o primeiro nome do pae por ordem d'el-rei D. Manoel.....	Casa vulgarmente chamada <i>Casa dos Bicos</i> . O terremoto de 1755 derrocou-lhe os andares superiores. Do que foi poupado pelo cataclysmo alteraram-lhe algumas partes as reconstrucções.

Pelourinhos :

ALTER DO CHÃO.
 ALVERCA.
 ARRUDA.
 BATALHA.
 CINTRA.

Não existe, 1906 - Anno em que se mudou
Não existe, 1906 - Anno " " " "
Não existe, 1906 - Anno " " " "
Não existe, 1906 - Anno " " " "

LISBOA.....

{ Como obra d'arte, por ser a columna de uma pedra inteiriça, formada de tres hastes torcidas e separadas, mas unidas na base e junto ao capitel.

SETUBAL.....

{ E' uma formosa columna corynthia de marmore preto e branco, encontrada nas ruínas de Cetobriga, em escavações feitas no reinado de D. Maria I.

Cruzeiros :

LEÇA DO BALIO.....

Cruzeiro da egreja de Santa Maria.

LISBOA — Arroyos.....

{ E' o cruzeiro, que estava no centro do largo d'Arroyos, e que foi mudado para a egreja de S. Jorge.

PORTO DE MÓS.

Cippos, columnas miliarias e outras memorias epigraphicas

São numerosissimos os monumentos epigraphicos que ainda existem no reino, apesar da grande destruição que se tem exercido n'elles desde tempos antigos, e de muitos anniquilados pelo terremoto de 1755. Os que ainda se conservam formariam um extenso catalogo. A Estremadura, o Alemtejo e o Algarve são as provincias em que mais abundam, não fallando nos que n'ellas se acham colleccionados. Encontram-se tambem em muitas terras do Minho e de Traz-os-Montes. Das columnas miliarias das vias militares romanas possui Braga boa copia. Tambem se vêem na villa de Chaves, e outras localidades. São de differente origem, isto é, dizem respeito a mui differentes povos os monumentos epigraphicos, que possuímos, anteriores á monarchia. E alguns ha de caracteres ainda hoje desconhecidos, e por conseguinte ainda não decifrados. Porém o maior numero é de origem romana.

Encontram-se em quasi todas as provincias de Portugal restos mais ou menos importantes, de povoações antigas, representantes de differentes civilisações. Em algumas, infelizmente poucas, tem-se feito explorações, dirigidas por pessoas competentes, zelosos cultores de archeologia. Aquellas são, em tempos anteriores, porém modernos, Cetobriga, e na actualidade as Citania, no Minho, Ossonoba e outras no Algarve. Mas a maior parte jazem desconhecidas ou desprezadas.

Seria conveniente relacionar-as, para fazer conhecida a sua existencia; para se obstar a que os povos as destruam totalmente, indo ali buscar materias de construcção, como até aqui tem succedido; e a fim de que algum dia sejam exploradas e estudadas.

SEXTA CLASSE**MONUMENTOS PREHISTORICOS**

Dolmens ou antas, men-hirs, mamunhas, etc.

Dolmens, conhecidos em o nosso paiz pelo nome d'antas :

ADRENUNES.....	Na serra de Cintra.
AGUALVA.....	Nas visinhanças da Agualva.
ARRAYOLLOS.....	» » da Villa d'Arrayolos.
BARROCAL.....	» » da freguezia d'Ourega.
BORDA DA COUTADA DO PORTO DOS PINHEIROS.	Na coutada d'Alcogulo.
CANDIEIRA.....	Na serra d'Ossa, Alemtejo; notavel pelo furo que tem a pedra da camara.
CASA DOS GALHARDOS.....	Concelho de Castello de Vide.
COUTADA D'ALCOGULO.....	A 7 kilometros de Castello de Vide.
CRATO.....	Proximo da estação do Caminho de Ferro do Crato.
ESTRIA.....	Proximo da villa de Bellas.
FONTE DE MOURATÃO.....	A 6 kilometros de Castello de Vide.
GONTINHÃES.....	Ancora, Vianna do Castello.
GUILHAFONSO.....	Nas visinhanças da cidade da Guarda.
HERDADE DA MURTEIRA.....	» » d'Evora.

HERDADE DA TISNADA.....	Nas visinhanças d'Evora
MELIDES.....	» » da povoação do mesmo nome.
MELRIÇO.....	A 3 kilometros de Castello de Vide.
MILHAR DO CABEÇO.....	Na coutada d'Alcogulo.
MONTE BRANCO.....	Alemtejo.
MONTE ABRAHAM.....	Proximo da Villa de Bellas.
MONTE ESGUERRA.....	» » » » Barbacena.
MONTE DO OUTEIRO.....	Nas visinhanças d'Evora.
MONTE DE POLVOREIRA.....	» » das Caldas de Vizella.
MONTE DA PEDREIRA.....	» » de Pombeiro.
PANASQUEIRA.....	
PEDRA DOS MOUROS.....	» » da villa de Bellas.
POMBAES.....	A 1 kilometro de Castello de Vide.
NAVE DO GROU.....	Concelho de Castello de Vide.
NIZA.....	Concelho da Villa de Niza.
RUVOZ.....	Nas cercanias de Ruivoz ha 5 Dolmens.
TAPADA DE PEDRO ALVARES.....	» » de Castello de Vide.
TAPADA DOS OLHEIROS.....	» » » » » »
VARZEA DOS MOURÕES.....	» » » » » »

Men-hirs :

FRATEL.....	Concelho de Villa Velha do Rodão.
MONTE FIDALGO.....	» » » » » »
RIBEIRA D'ACAFALLA.....	» » » » » »

Mamunhas :

CARRAZEDO.....	Nas cercanias de Villa Pouca d'Aguiar.
MAMALTAR.....	» » das minas do Braçal.

Lisboa, Sala das sessões da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos portuguezes.

José Silvestre Ribeiro, presidente. — *Antonio Pedro de Azevedo*, secretario. — *Joaquim Possidonio Narciso da Silva*, *Augusto Carlos Teixeira de Aragão*, *Valentim José Correia*, vogaes. — *Ignacio de Vilhena Barbosa*, relator.

Approvado em Assembléa geral de 30 de dezembro de 1880. — *Joaquim Possidonio Narciso da Silva*, presidente da mesa. — *Valentim José Correia*, secretario.

ARCHITECTURA DOS POVOS DA ANTIGUIDADE

(Continuado do n.º 3 do Tom. III, pag. 37.)

Principiaremos hoje a occupar-nos da arte monumental da India. Mas este nome quantas idéas nos faz despertar na nossa imaginação, como artistas e como portuguezes? Não foi só ali o berço da luz, foi d'ella que tambem saiu tudo o que ha de mais magestoso e brilhante para o mundo, e glorioso para nós. Foi d'esse ceu fulgente que nos vieram todos os raios que nos illuminaram a alma, o espirito e a vista: as religiões e a luz!

Esse Oriente prestigioso, aonde se desmoronaram tantos imperios, se extinguiram tantos povos, onde a solidão hoje occupa seus desertos de areia, n'esse mesmo lugar onde imperaram tantos povos conquistadores, os quaes tiveram dominio sobre tan-

tas cidades poderosas; esse Oriente devastado, é ainda para nós a mesma India, o paiz dos grandes phenomenos, o paiz dos mysterios, das monstruosidades e das maravilhas: é ainda hoje a mesma India, que nos mostra as suas colossaes ruinas, as pompas do seu culto esculpidas nos seus mysteriosos monumentos! Admira-se n'aquellas ruinas a Augusta Indra *Prastha* com os seus gigantescos templos e monumentaes palacios que assombram, maravilham e confundem a nossa razão, despertando ao mesmo tempo uma justa veneração para com esses primitivos dominadores da terra, e causando esse nome em nós, pelas recordações da gloria adquirida pelos portuguezes, um merecido reconhecimento tributado aos nossos antepassados, que foram os primeiros, pertencentes a uma nação moderna, que descobriram essas extraordinarias ruinas, algu-

mas das quaes conservam ainda nomes patrios. Tiveram esses illustres varões a ventura de arvorarem o pendão com as quinas nacionaes sobre esse paiz tão rico de monumentos construidos com um estylo artistico tão singular e estupendo.

Quando os indios se separaram do seu tronco primitivo, em uma época que se perde na escuridão dos tempos, emigrando para as planicies do Sul da Asia, elles conservaram todavia o mesmo culto symbolico, que haviam creado no berço da sua existencia social, culto que se encontra em todas as nações primitivas, como sendo a origem de todas as religiões antigas do mundo.

Esse povo que habitou durante uma longa serie de seculos um paiz onde se ostenta e brilha a natureza encantadora, possuindo elle uma imaginação a mais fertil, rica e variada, combinada com uma penetração fecunda e douta, formou a mais antiga religião da India, consistindo em um systema de emanação, conforme o qual se estabelece a união do mundo visível e invisível nascido do Ente Supremo: sendo o nucleo d'esta crença a doutrina da *metempsychose*; a qual induz a acreditar que a alma humana não está ligada ao corpo material, senão pela punição que incorreu durante uma existencia antecedente; se porventura o homem progride no mal, a sua alma depois de deixar o seu corpo, passará para um ente inferior (isto é para o corpo de um animal), ficando condemnado a principiar uma nova peregrinação. Enquanto á alma do virtuoso, do heroe e do penitente, essa sobe logo para o ceu, e atravessando os corpos resplandecentes vae unir-se novamente com a alma universal e primitiva, de onde elle tinha emanado.

Este Ser Divino, esta alma universal e primitiva, é designada pelo nome de *Brahma*: estando a religião dos indios fundada n'este principio, precisavamos dar esta explicação para comprehendermos mais facilmente a forma e o caracter da sua arte monumental.

Duas grandes épocas formam a historia do Indostão. A primeira, principia nos tempos primitivos e se estende até ao fim do anno 1:000 da era vulgar. No segundo periodo, conquistadores estrangeiros a invadem e se apoderam inteiramente do paiz.

A tradição sagrada dos indios dá-lhes por berço da sua origem, a região situada sobre as duas margens do Ganges, esse rio sagrado, cujas aguas têm a virtude de purificar os seus adoradores: mesmo elles desejam morrer afogados n'esse rio, pois teem por fé alcançar a existencia celeste se tiverem a ventura de perecer nas suas aguas!

Geralmente é designado o norte do Indostão, como sendo a séde primitiva do culto de Brahmanes; posto que n'esta religião se reconheça um Ente Supremo, o qual fica eternamente immovel, e

operando unicamente pela acção intermediaria da Trindade Divina, composta de Brahma, que é o creador, a materia, elle representa o passado, tendo por emblema o Sol, a segunda Divindade, *Vischnu* é a sabedoria, o conservador, o espaço, e significa o estado presente, a agua é o seu emblema; finalmente *Siva* ou o fogo, o destruidor, fórma a Trindade, e representa igualmente o futuro, sendo ao mesmo tempo o Deus da Justiça.

O grandioso e profundo genio architectural que apparece na arte monumental do Indostão mostra evidentemente que aquelles povos não executavam, como se fossem necessarias, as obras que lhes determinavam, mas sim eram levados pela convicção que lhe inspirava a sua religião, sendo portanto essa fé invariavel que unicamente os movia a levantarem successivamente esses monumentos extraordinarios e surprehendentes que se poderão contemplar nas vistas da nossa collecção no museu do Carmo.

É tambem para notar que os templos na India sejam todos consagrados á mesma religião, e que as suas esculpturas representem todas assumptos de um unico e mesmo culto; não obstante um tão grande territorio de 1:600 leguas, occupado unicamente por esta nação, essa crença constante nos patentea quanto era poderosa esta religião que enthusiasmava tantos principes independentes e exaltava um tão excessivo numero de habitantes d'este paiz, patenteando em tantos seculos a prova da maior abnegação, privando-se dos prazeres da vida, e decididos a arrostarem com os mais cruentos sacrificios, com o fim unico de conservarem a pureza do seu antigo culto!

Igualmente a arte monumental do Indostão, não só confirma ser ella obra de um povo muito antigo da terra, que teve uma existencia politica, mas tambem ser a mais remota do mundo; visto que pelo adiantamento necessario na arte de edificar, desde a gruta subterranea até saber construir um templo ou um magnifico *pagode*, mostra ter sido preciso um grande numero de gerações successivas, sempre com o exercicio continuo na arte de edificar, assim como ter tido uma applicação infatigavel de sua intelligencia para alcançar o maior grau de perfeição, como se admira nos seus monumentos.

Os mais celebres e maravilhosos são os templos subterraneos de *Ellora*, situados no centro da peninsula da India. Tudo aquillo que a intelligencia e o espirito póde imaginar de grande e bello, nobre e elevado na concepção, bem como elegante no desenho, e de esmerada perfeição na execução, se encontra reunidos n'estes grupos de santuarios existentes n'esta cidade santa, habitada pelos brahmanes.

Os monumentos de Ellora não foram levantados sobre o solo, mas sim abertos debaixo do chão em um recinto de montanhas de granito vermelho, e na extensão de 5 kilometros, tendo a configuração de uma ferradura.

Elles são todos compostos de diversos andares, formados por grutas, por templos com habitações de diferentes tamanhos, mais ou menos collossaes, sendo todas abertas no interior da rocha com uma excessiva paciencia e muito difficil trabalho, que se não pôde descrever. Além d'isto estão todos ornados com uma profusão de esculpturas de todas as especies, e sem haver outro exemplo igual no mundo. A historia não fixa a época, nem designa o povo, nem quem foi o fundador d'essas extraordinarias construcções, nem tão pouco a casta sacerdotal que creou estas obras gigantescas, pois a tradição é tão muda como a solidão agreste na qual se contemplan hoje estes templos maravilhosos.

Passaremos a examinar o que a arte monumental do Indostão deixou para admiração da posteridade. Principiaremos a descrever o mais formidavel templo que existe d'essa antiguidade. É o grandioso templo de granito vermelho de Kelâça, representado no modelo em relevo, e na vista transparente em perspectiva exposta no referido museu do Carmo, mostrando qual é a sua extraordinaria e maravilhosa construcção.

Kelâça (templo de Siva) a Ellora

Entre as escavações curiosas de Ellora, em parte subterranea e em parte isolada da rocha, distingue-se principalmente *Kelâça*, monumento dedicado a *Siva*, a terceira Pessoa da Trindade indiana, o Deus que mata para crear depois. Quizeram representar n'este monumento a habitação celeste d'aquelle Deus. Sem duvida o seu aspecto produzirá na imaginação uma extraordinaria surpresa, e nós dispõe a nos deixar illudir, tomando o trabalho feito pelos homens como se fôsse obra executada pela propria Divindade! Todos os viajantes ficam estupefactos de admiração, vendo estas ruínas de uma tão veneranda antiguidade, e não estranham que os naturaes attribuem a sua origem á arte maravilhosa dos *espiritos occultos*. Pois, pela ousadia da empreza, bom exito da execução, e belleza do plano como pela riqueza da sua decoração, e variedade dos seus ornatos, se poderá explicar o assombro ingenuo d'esse povo, que julga ser mais natural acreditar que a existencia d'estas obras seja devida á intervenção poderosa de um Ser Supremo!

Este monumento não foi executado, como são os outros cavados no subterraneo, mas sim, *cortado inteiro na rocha viva*, e completamente separado depois do resto d'essa montanha, ficando elle com todas as suas fórmarchitectonicas inteiriças, e

posto que todas as partes de que se compõe pertençam a uma unica e mesma rocha, todavia dá a apparencia de ser uma construcção edificada pedra por pedra, e por este motivo tem elle, na cathegoria da arte monumental, o primeiro lugar entre as mais importantes construcções dos povos da antiguidade.

Tres partes muito notaveis compõem, principalmente, este monumento, havendo no meio um pavilhão de entrada, ornado de pilastras, entre as quaes estão collocadas gigantescas figuras. O pavilhão de entrada é composto de cinco casas, havendo por cima um andar com vista para o largo exterior, tendo 44^m de comprido por 29^m de largo; ha uma varanda geral para o serviço dos musicos nas occasiões solemnes. As tres casas do centro são ornadas de esculpturas n'um comprimento de 14^m, servindo de passagem para um pateo interno. Pelas duas escadas que ficam dos lados, sobe-se ao andar superior que dá serventia a uma ponte de pedra com 7^m de comprido.

Depois, por uma outra escada de nove degraus, sobe-se á capella de Nandi, companheiro do Deus Siva. Esta capella fórma um quadrado de 5^m, recebendo luz por duas janellas cobertas de esculpturas. Sae se d'esta capella por uma porta fronteira á outra por onde se entrou, encontrando-se em seguida uma nova ponte de pedra de 7^m, e d'este lugar avista-se o templo principal, cuja elevação é de 30^m.

A vista fica maravilhada, primeiramente pelo aspecto do portico sustentado por dois pilares. Sobese por tres degraus e penetra-se no peristilo, guardado de uma balaustrada de cantaria, passando-se igualmente para o pateo interior por duas escadas com 36 degraus. D'este peristilo, sobe-se ainda 4 degraus, e por uma porta que parece estar guardada por estatuas gigantescas, entra-se então no templo, o qual tem de comprimento 23^m,11 e de largura 18^m. O tecto com a altura de 5^m,42 está sustentado sobre dois renques de pilares no numero de 16, porém no centro os pilares estão mais separados mostrando a configuração de um cruz grega. Os dois braços d'esta cruz conduzem a duas portas eguaes á da entrada, as quaes communicam com os dois alpendres; o alpendre meridional estava reunido por uma ponte, que hoje está arruinada, ligando com o outro lado da montanha, no qual se suppõe haver existido os aposentos dos sacerdotes. Do templo passa-se ao sanctuario subindo-se por 5 degraus, no qual se vê o symbolo venerado d'aquelles povos, a representação colossal do órgão que serve para o reproducção dos seres! Entre as pilastras vêem-se magnificas esculpturas, e o tecto todo cheio de ornatos em estuque, conservando ainda vestigios de pinturas.

No fundo d'este templo e aos lados do sanctuario ha duas pequenas portas que communicam com um terraço, o qual gira em roda do mesmo sanctuario, estando guarnecido com cinco capellas de diferentes dimensões. Um sem numero de esculpturas mythologicas ornem as tres capellas do fundo. É rematada a sumidade do templo por uma especie de cupula de fôrma pyramidal, onde a imaginação dos artistas indios produziu um extraordinario numero de ornatos diversos.

Na altura da ponte que liga o pavilhão de entrada á capella de Nandi se encontram de cada lado dois elephantes gigantes, que parecem estar ali collocados como as cabeças dos outros elephantes esculpidas na base do templo e que servindo-lhe de apoio, da mesma maneira como na mythologia indiana, são os elephantes divinos que sustentam o mundo.

Aos dois lados da capella de Nandi e ao centro d'ella, levantaram, em cada lado, um obelisco de fôrma especial, que se julga teria por remate um leão. A altura d'estes obeliscos é de 12^m,8.

Ainda não descrevi todas as maravilhas que encerra Kêlâça e já o nosso espirito está incredulo que um tal monumento possa existir. Além d'isto, o pateo está cercado por extensas galerias, algumas das quaes teem diferentes andares. Ha muitas grutas do lado septentrional, sendo a mais notavel d'estas escavações aquella que está situada no segundo andar, em frente do grande templo. Sobee-se por 27 degraus. Este pequeno templo é egualmente consagrado ao deus Siva, tendo de extensão 2^m,33. O sanctuario está muito bem conservado, sustentado por grossos pilares, o tecto ornado de magnificas esculpturas, e as suas pinturas são ainda visiveis, não obstante estarem enegrecidas pelo fumo. Em roda ha um vasto claustro com 39 pilares; os intervallos d'estes pilares estão cheios de assumptos tirados da mythologia indiana, e causam a admiração dos devotos, servindo-lhes como uma especie de pantheon indio.

No angulo meridional, observa-se a falta de tres pilares, que foram mandados quebrar por ordem de um dos mais famigerados imperadores dos mogolos, Aureng-Zeb, que reinou em 1639, julgando-se que esta construcção podesse abater; e então convenceria a falta do poder que tinham os deuses que eram adorados no Indostão; porém este desejo ficou frustrado, e os indios disseram depois que o seu Deus havia triumphado do furor barbaro do tyrano estrangeiro.

Procuremos agora compenetrar-nos d'este sentimento de admiração que se apodera do espectador olhando para as obras d'este maravilhoso monumento. O que será pois que fere assim o espirito, o arrebatá e o deixa em extasis? Não é decerto a

altura do monumento, nem as suas fôrmas pesadas, nem sua configuração achatada; não é tão pouco a regularidade das linhas, pois que a desigualdade do terreno violentou a arte a desviar-se dos seus preceitos; muito menos será ainda a variedade do desenho, affectando todos uma fôrma quadrada; assim como não poderá ser a ostentação dos ornatos, visto que elles foram multiplicados com grande profusão. É motivado esse assombro, pelo testemunho que nos dá este formidavel monumento de uma vasta reunião de trabalhos, que attesta o poder de homem intelligente, pelos esforços praticados, quasi sobrehumanos; é isso que nos causa um justo sentimento de orgulho e de admiração. Applaudimos o talento do artista que ordenou que uma pedreira se transformasse em capellas quadrangulares, e em pilares! que essa pedreira se modificasse em esculpturas, dividisse, alargasse em salas immensas, e em porticos regulares! A pedra cedeu em todas as partes, sobresaindo por esta fôrma a intelligencia superior do architecto, a qual brilha em todos estes gigantescos trabalhos. É posto que haja alguma imperfeição em relação á pureza que se requer no sublime da arte, de outro lado avaliamos quanto impera a architectura sobre nossos sentidos, quando ella representa em tão elevado grau a arte monumental de uma nação, ou por outra, quando ella personifica a crença no seu maior auge de esplendor, tanto para dominar os homens pela ostentação do seu culto, como amedrontal-os, subjugando-os pelo temor de castigos imaginarios, representados nas esculpturas d'esses monumentos. Eis aqui por que a uniformidade das linhas na architectura dispõe sempre a alma a gozar paz de espirito e a entregar-se á meditação; assim como a variedade e a superfluidade a distrae e agita. Se esses tectos pouco elevados não deixam subir a alma para o seio da Divindade e parece que, pesando sobre ella, elles lhe fazem sentir melhor estar esse Deus muito mais proximo de si, este monumento faz vêr que foi calculado para produzir essa forte impressão.

Representar um Ser unico, com fôrmas multiples é principalmente em que se funda o grande mysterio da religião dos povos do Indostão, e este mysterio se acha por esta fôrma perfeitamente representado n'este monumento, que reúne a este systema de unidade uma tão grande multiplicidade de detalhes, pois que tanto o pensamento do artista, a temeridade da empresa, coma a escolha da disposição do templo e a bizzarria da sua execução, tudo manifesta no grau mais subido essa significação, que a arte monumental soube tão bem representar nas construcções religiosas d'aquelle povo.

Mas se esta obra extraordinaria nos causa tanto assombro, devemos procurar qual foi a auctoridade que fez produzir um monumento tão estupendo, e

para darmos uma cabal explicação, precisamos expôr em que se baseava a theoria da architectura do Indostão.

(Continua)

J. P. N. DA SILVA.

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA N.º 45

A photographia que apparece com este nosso numero do *Boletim*, representa um especimen raro de architectura portugueza, pois é a vista da *única janella conventual* do monumento historico e artistico do antigo convento dos Jeronymos, em Belem. Foi a que ficou mais completa, das tres que se haviam construido no corredor dos claustros, com a frente para a cerca do mesmo convento.

É composta esta grandiosa janella de sessenta peças lavradas de cantaria, ornada de diversas esculpturas que foram executadas com bastante vigor e mestria, a fim de lhe conservar o seu caracter monumental, e designar o motivo grandioso porque fizeram construir a historica egreja de Santa Maria de Belem.

Quem examinar a fachada do lado do sul d'esta egreja, unicamente á simples vista e mui proximo d'ella, estranhará a maneira exagerada de sua execução, parecendo-lhe haver falta de aptidão nos executores d'esta obra; porém, se o mesmo individuo recorrer á sua intelligencia reflectida, e comparar o primor das esculpturas internas d'este templo, admirando os labores esbeltos que cobrem as faces dos pilares que sustentam as abobadas das naves, certamente a sua sensata reflexão o convencerá de que houve um *pensado proposito* no architecto em fazer executar por aquelles *dois modos* diferentes, no mesmo edificio, a sua sublime e original composição!

A fachada da egreja dos Jeronymos voltada para o Tejo, não foi delineada para se gosar do seu conjunto monumental, estando-se proximo do edificio. Devemos lembrar o que era o sitio de Belem na era de 1500. Servia de principal ancoradouro das armadas de Portugal; era d'aquella para gem, sobre o vasto Tejo, que os arrojados nauticos deveriam contemplar o monumento erigido para perpetuar a gloria de seus descobrimentos maritimos, e tambem a fama do nome portuguez: portanto, era d'ali que se devia gosar aquella grandiosa construcção, para produzir melhor effeito o seu admiravel aspecto e soberba composição. Devemos lembrar que a margem do Tejo ficava então por menos de metade do que a separa hoje do edificio; assim a distancia do ancoradouro era a mais conveniente para se desfrutar toda a belleza archi-

tectonica e o magestoso frontespicio de tão completa fabrica.

Foi, sem duvida, este pensamento que levou o habil architecto a determinar por aquella forma a sua externa execução; pois não se poderá conciliar a apreciação do trabalho da sua fachada com a esmerada obra que se observa dentro do templo, em que se apresenta um contraste tão visivel nos trabalhos dirigidos pelo mesmo artista e na mesma edificação!

Quem concorria aos officios religiosos contemplava na proximidade a ornamentação da esculptura dos pilares e pulpitos, gosando do primor do seu delicado trabalho e admirando igualmente o merito superior do architecto, que havia decorado com tão apurado gosto e talento aquelle recinto sagrado.

Compare-se a ostentosa edificação da obra moderna que se enxertou n'aquelle venerando edificio, para servir de casa de educação a orphãos; confessem com sinceridade, se essa obra de cantaria (não obstante o seu bem acabado trabalho), por ventura produz na alma a mesma sensação que o soberbo aspecto do antigo lavor da egreja, muito embora os ignorantes censurem o tosco da execução! Pódem as mesquinhas janellas da fachada nova fazer experimentar esse effeito arrebatador, que produz em nós a decoração primitiva do monumento fundado pelo rei afortunado?...

Foi, portanto, de caso pensado, que o architecto mandou executar essas esculpturas, fazendo simplificar as pregas dos vestuarios das estatuas que estão no frontespicio, nas quaes se notam attitudes de muita naturalidade; e de certo esculptores mediocres não saberiam pôr em pratica esses preceitos de esthetica.

Felizmente que se conserva intacta essa bella obra de arte antiga dos abalisados artistas, que, tanto pelo seu superior merecimento, como pela gloriosa recordação que desperta na alma, inspira nobres sentimentos de patriotismo. É, pois, do mais subido apreço este raro modelo de typo nacional de architectura, que a Associação dos architectos civis e archeologos portuguezes tem patente no museu do Carmo, em logar distincto, havendo salvo do camartello destruidor este modelo architectonico, um dos mais importantes monumentos nacionaes.

Seria inutil desenvolver a descripção de tão estu-
penda obra de arte, pois a excellente photographia pelo habil photographo sr. Neves mostra aprimoradamente as excellentes fórmãs d'esta janella, as galas de suas esculpturas e o seu caracter monumental.

J. P. N. DA SILVA.



BOLETIM
DA
Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes.

Estampa 42.



Mosaico dos Banhos Romanos em Vizella, na Provincia do Minho.